



PLATAFORMA PORTUGUESA  
PARA OS DIREITOS  
DAS MULHERES



EUROPEAN WOMEN'S  
LOBBY  
EUROPEEN DES FEMMES

## **Seminário “Construir Pontes, Desconstruir Preconceitos”**

Margarida Teixeira, técnica de projetos da PpDM

---

organizado pela Associação O Ninho na Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Leiria com o apoio da Câmara Municipal de Leiria, 17.10.2018

Bom dia!

Gostaria de começar por agradecer à Câmara Municipal de Leiria, às nossas caríssimas parceiras e parceiros do Ninho, do Movimento Democrático de Mulheres, e da Associação Mulher Século XXI, organização-membro da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres (PpDM), e às/aos participantes deste seminário.

É com muito gosto que estou aqui hoje em representação da PpDM, a única organização da sociedade civil organizada em Portugal que representa 26 associações de direitos das mulheres e associações promotoras da igualdade entre mulheres e homens. Eu vou falar na perspetiva de uma mulher jovem sobre o impacto negativo do sistema da prostituição na libertação sexual das mulheres e, em particular, das jovens. Entendo por libertação sexual uma sexualidade vivida livre de constrangimentos sociais, de violência e de sexismo.

Entre muitas e muitos jovens, a prostituição não é vista com as mesmas lentes negativas de anteriormente. À medida que nos tornamos menos descomplexados em relação ao sexo, a prostituição passa a pouco e pouco a ser vista como uma profissão normal, fruto de uma escolha livre da mulher que oferece os chamados serviços sexuais. É uma ideia que está a ganhar terreno nas juventudes partidárias e entre jovens feministas e ativistas de direitos humanos.

O que certas organizações, como a Plataforma Portuguesa dos Direitos das Mulheres, defendem é que esta interpretação da prostituição como algo inócuo e às vezes até “empoderador” está incorreta.

É por isso que estamos a desenvolver uma campanha para a implementação do modelo da igualdade ou modelo nórdico em Portugal. Esse modelo prevê a existência e financiamento de estratégias de saída para as mulheres que não queiram estar na prostituição, serviços aos quais podem recorrer se quiserem, sem ser obrigadas. Prevê também a criminalização da compra de sexo e, quando existe, do proxenetismo e do tráfico humano. É o modelo que está em vigor em certos países europeus, como a Suécia, Islândia, Noruega, Irlanda do Norte, República da Irlanda e França. Podem consultar a campanha no site [www.exitprostitution.org](http://www.exitprostitution.org), que reúne uma série de dados e recursos, sobre o sistema da prostituição em Portugal e no mundo, tais como o panfleto “18 Mitos Sobre a Prostituição”. Podem também ver as sessões em vídeo da conferência organizada no contexto desta campanha, onde participaram sobreviventes do sistema da prostituição, ativistas, políticas/os e investigadoras/es.

No contexto desta campanha, organizámos também uma exposição juntamente com a Rede Europeia de Mulheres Migrantes. Esta exposição está agora na sede do IPDJ em Lisboa, mas poderá ser exposta em vários pontos do país, (incluindo nesta Escola) e reúne um conjunto



PLATAFORMA PORTUGUESA  
PARA OS DIREITOS  
DAS MULHERES



EUROPEAN WOMEN'S  
LOBBY  
EUROPEEN DES FEMMES

de citações de feministas de todo o mundo, explicando o porquê de defenderem a abolição do sistema da prostituição. A maior parte das citações são de mulheres migrantes, um grupo particularmente vulnerável e que é muitas vezes explorado pelo sistema da prostituição.

Como as oradoras e oradores desta conferência referiram, a prostituição traz muitos malefícios e raramente é fruto de uma “verdadeira” escolha.

Eu decidi focar-me numa outra dimensão da prostituição, que é o seu impacto na igualdade de género entre jovens e, particularmente, na libertação sexual da mulher jovem. Muitas vezes pensamos na prostituição como a escolha de uma só pessoa, a pessoa que se prostitui, e não pensamos nem na pessoa que a compra, nem (quando existe) na pessoa que a explora (o proxeneta), nem no impacto que a prostituição tem numa comunidade. Estas vertentes interligadas compõem o sistema da prostituição.

Queria só fazer uma nota – em momento algum eu ou a Plataforma julgamos ou censuramos as mulheres na prostituição. As nossas críticas são dirigidas ao sistema da prostituição e em particular aos compradores de sexo e o efeito prejudicial que a sua escolha de comprar sexo tem na igualdade entre mulheres e homens, raparigas e rapazes.

Como por exemplo nos países que regulamentaram ou descriminalizaram a prostituição.

## **Regulamentação/Descriminalização e impacto na igualdade de género**

Em países que se regulamentou a prostituição, como a Alemanha, ou onde se descriminalizou o proxenetismo, como na Nova Zelândia, a venda e compra de sexo passou a ser vista como qualquer outro tipo de atividade, sobre a qual se podia fazer, entre outras coisas, publicidade e promoções.

Então, começaram a aparecer negócios do tipo “tudo incluído”, uma espécie de “buffet”, e promoções em que se juntava a compra de sexo à compra de uma cerveja e outro tipo de comida. As publicidades aos bordéis passaram a estar presentes em táxis e outro tipo de transportes ou lugares públicos.

Em países como a Nova Zelândia, a prostituição tornou-se uma coisa normal. Podes ver *posts* no Facebook de homens jovens a anunciarem que vão ao bordel e se alguém os quer acompanhar. Deixou de ser uma coisa vista como repreensível, para ser algo do quotidiano.

Pelo menos no que diz respeito aos compradores de sexo, os chamados clientes. Na verdade, as mulheres na prostituição não deixaram de ser estigmatizadas. A prostituição continua a não ser vista como um trabalho “normal”, independentemente da lei. Por exemplo, pouquíssimas mulheres se registaram como “trabalhadoras sexuais” na Alemanha – estima-se que tenham sido à volta de 44 num país com centenas de bordéis.

Que mensagem é que isto passa a pessoas jovens, que estão a começar a descobrir a sexualidade? Que há uma dominante – a do homem – e uma passiva – a da mulher. Que embora ele possa comprar sexo à vontade, ter várias parceiras sexuais, ela – mesmo que faça parte daquela minoria de mulheres que quer estar na prostituição – não é vista com o mesmo respeito ou dignidade. Que o desejo e o prazer dele é mais importante que o dela, porque o consentimento dela pode ser negociado ou comprado e até pode estar anunciado



PLATAFORMA PORTUGUESA  
PARA OS DIREITOS  
DAS MULHERES



EUROPEAN WOMEN'S  
LOBBY  
EUROPEEN DES FEMMES

com descontos. E que a sexualidade da mulher que está à venda é menos digna de respeito que a sexualidade do homem que a compra.

Por isso, uma ideologia que à partida até podia ser considerada como feminista – de respeitar as decisões que as mulheres fazem sobre os seus próprios corpos – chocou completamente com uma realidade machista onde a lei de mercado acabou por ditar as escolhas das mulheres na prostituição, as suas possibilidades, preços e limites.

Também não se pensou no impacto que ver mulheres à venda em montras, como em Amesterdão, ou de as ter comparadas a outro tipo de mercadoria teria na igualdade de género entre as/os jovens. O que é especialmente problemático, tendo em conta que ainda existe uma desigualdade sexual entre raparigas e rapazes, onde a sexualidade delas ainda é mais julgada, controlada e discutida do que a deles.

Um estudo sobre jovens do Sul de França, na fronteira com a Espanha (onde a prostituição e os bordéis são legais) mostrou como a prostituição se tornou parte da cultura popular e como jovens adolescentes de 12-15 anos falam abertamente sobre nomes de bordéis, sobre os preços, as práticas sexuais que são publicitadas, etc.

Neste contexto, comprar sexo torna-se um rito de passagem para os homens quando fazem 18 anos, enquanto que para as mulheres exerce vários tipos de pressão sexual. As jovens têm simultaneamente de tomar cuidado para não passarem por prostitutas, quer por terem um grande número de parceiros sexuais ou pela escolha de roupa, ao mesmo tempo que vêm as mulheres na prostituição como rivais que têm de igualar em termos de performance sexual. A prostituição é usada como chantagem entre jovens casais de namorados: se tu não quiseres fazer sexo comigo desta forma, eu posso ir ao bordel para me satisfazer.

Neste contexto de desigualdade, a comercialização do consentimento sexual das mulheres pode ser uma coisa perigosa.

### **A comercialização do consentimento**

Toda a compra de sexo é justificada com – a mulher deu o seu consentimento, logo é sexo desejado de alguma forma.

É interessante ver a centralidade que a ideia de “consentimento” tem na prostituição, quando, na prática, o respeito pelo consentimento sexual das mulheres fora da prostituição ainda não é uma realidade.

Especialmente para as mulheres jovens, que são aquelas que são mais vistas como tendo comportamentos de risco – por beberem álcool, por consumirem estupefacientes, irem a festas, vestirem-se da maneira x, terem vários parceiros sexuais....

Numa sociedade onde o consentimento ainda nem é considerado como crucial para averiguar a existência ou não de uma violação, partir para a comercialização do consentimento sexual acaba por tornar as coisas ainda mais confusas.

Especialmente quando o tal “consentimento” da prostituição é muitas vezes limitado pela falta de alternativas, por carência financeira ou mesmo por coação de um terceiro elemento (como o namorado que age como proxeneta).



PLATAFORMA PORTUGUESA  
PARA OS DIREITOS  
DAS MULHERES



EUROPEAN WOMEN'S  
LOBBY  
EUROPEEN DES FEMMES

E por isso, numa sociedade onde ainda não conseguimos convencer muitos homens a respeitar o “não” das mulheres, dizer-lhes que esse “não”, para certas pessoas, é passível de ser comprado como se fosse qualquer outro tipo de serviço não é o mais indicado. Porque isso levanta duas perguntas: a que preço é que o consentimento pode ser comprado e se há uma diferença entre as mulheres que estão na prostituição e as que não estão.

Sobre esse último caso, entre a diferenciação de mulheres que estão ou não na prostituição, gostava de vos ler um comentário de um comprador de sexo postado num fórum online sobre como distinguir as mulheres na prostituição das restantes:

“Já vi alguém a falar de meninas de 20 e tais anos ali à procura de serviço. Como é que um gajo distingue quem está à procura de um cliente de quem não está?

Ou seja, tenho medo de passar e perguntar a alguém:

- Olha quanto levas?

E passar uma grande vergonha porque afinal não era uma acompanhante ou prostituta, ou como quiserem chamar.

Uma mulher de calções apertadinhos e etc. ...aí sabe-se logo...e nem gosto destas, mas e uma mais discreta?”

Primeiro, a ideia de que pela forma como uma mulher ou rapariga se veste podemos dar palpites sobre se está disponível sexualmente, não é exatamente uma ideia emancipadora para as mulheres.

Depois, a forma como refere a dificuldade em distinguir quem está à venda de quem não está não é uma coisa inócua na vida das mulheres jovens. Eu e várias raparigas que conheço já tivemos carros a seguir-nos em bairros com muita prostituição porque pensavam que estávamos lá também a vender sexo. E cada vez que isso acontece, pensamos: mas o que é que eu tinha vestido? Porque é que me confundiram? Será que não posso passar aqui à noite? Da próxima vez devo ir por outro caminho?

E pensamos isto por medo instintivo dos compradores de sexo como predadores sexuais.

Porque pensamos à partida que um comprador de sexo não vai respeitar o nosso consentimento sexual, porque pensa que é algo que pode negociado. E porque pensamos, acertadamente, que as mulheres jovens são especialmente populares entre compradores de sexo.

O que é que isto faz, a longo prazo? Que em sítios com muita prostituição, as mulheres, e em particular as mulheres jovens, se sintam menos confortáveis em andar na rua e a reclamar o espaço público, que também lhes pertence, porque se torna uma espécie de montra ambulante para compradores de sexo.

Forma-se uma hierarquia entre as mulheres a quem se pergunta “quanto levas” e as mulheres a quem não se pergunta isso, a não ser por engano. Como é que podemos ensinar homens a respeitar o nosso consentimento sexual e a ver-nos como mais do que objetos sexuais se permitirmos que existam esse tipo de hierarquias?



PLATAFORMA PORTUGUESA  
PARA OS DIREITOS  
DAS MULHERES



EUROPEAN WOMEN'S  
LOBBY  
EUROPEEN DES FEMMES

## **A prostituição já não devia existir**

Por fim, gostava de mencionar que a ideia tradicional da prostituição estava muito ligada a uma certa ideia do casamento e da segregação sexual entre mulheres e homens. Há até um sociólogo do início do século XX, o Simmel, que constata a existência da prostituição como a outra face da instituição do casamento. Num mundo onde mulheres e homens não deviam ter contacto sexual antes do casamento, mas que entendia que os homens tinham certas “necessidades”, havia este sistema da prostituição que desviava o vício masculino do sexo das mulheres puras e futuras esposas para as outras mulheres sem dignidade.

Ora, essa realidade de segregação sexual já não é de todo a nossa. Nós, jovens em especial, vivemos num mundo onde a maior parte das nossas amigas e amigos já teve mais que um parceiro ou parceira sexual e onde é cada vez mais fácil encontrar pessoas com quem ter qualquer tipo de relação amorosa ou sexual, como por exemplo através do Tinder.

Havendo esta abertura de muitas e muitos jovens em relação ao sexo, porque é que ainda há alguns que querem comprar sexo e porque é que isso é problemático?

Porque pagar por sexo a uma mulher é o mesmo que dizer que o conforto, o prazer ou o desejo dela não interessa. É uma ação profundamente egoísta e narcisística. É uma forma péssima de educação sexual para os homens ou rapazes, porque não os ensina a serem verdadeiros parceiros sexuais, mas em vez disso ensina-os a focarem-se totalmente na sua própria satisfação sexual à custa da autonomia da mulher.

Se nós queremos que as jovens mulheres tenham liberdade sexual na prática, temos de aprender a respeitar os seus limites, a perceber os seus desejos e saber como dar prazer. Senão, estamos só a reproduzir antigas estruturas machistas em que o prazer e o desejo da mulher são irrelevantes durante o sexo.

Eu acho que a maior parte dos homens jovens não pensa que o desejo sexual da mulher é irrelevante e interessam-se cada vez mais sobre como ser bons parceiros sexuais. Se assim for, então os jovens não têm razão para comprar sexo.

E, na verdade, a única forma de abolir de facto a prostituição será através da modificação de comportamentos. Enquanto os próprios homens (que são a maioria dos compradores de sexo) não reconhecerem os malefícios de comprar sexo até para a sua própria vivência da sexualidade, haverá sempre procura, logo haverá sempre oferta.

Se queremos uma verdadeira libertação sexual da mulher e uma sexualidade baseada no desejo mútuo, não podemos apoiar a escolha egoísta dos compradores de sexo. Se nós hoje em dia somos em Portugal uma das gerações mais livres sexualmente, se calhar está na altura de dizermos que a prostituição para nós já não faz sentido.

Se concordam com essa afirmação, podem apoiar a campanha EXIT e, no caso dos rapazes e homens presentes, podem assinar o manifesto Zéromacho, uma rede internacional de homens contra o sistema da prostituição, que também está disponível no site de campanha. À data da conferência EXIT, mais de três mil homens no mundo inteiro assinaram o manifesto e apenas cinco homens em Portugal.

Muito obrigada!